

## **Ética, quanto custa e para quê?**

(11.11.2008)

Há dias questioneei a falta de ética da imprensa brasileira – não me cabe falar do que acontece no resto do mundo – no caso do cárcere privado ocorrido na periferia de Santo André, no ABC paulista, em que duas jovens foram mantidas reféns por um psicopata que, de chofre, foi rotulado pelos veículos de comunicação como sendo uma pessoa de bem e trabalhadora.

Independentemente dos erros cometidos pelos negociadores, é preciso reconhecer que a cobertura jornalística contribuiu para o trágico desfecho do caso. Uma jovem morta e outra baleada no rosto. Mas a morte é um reconhecido espetáculo midiático que rende sórdidos pontos de audiência, que traduzindo em números financeiros significa lucro. Uma coisa é noticiar o fato, outra é faturar em cima da tragédia alheia. E foi essa segunda situação que prevaleceu no caso de Santo André.

Situação idêntica ocorreu no caso do acidente do Airbus da TAM, em julho de 2007, que provocou a morte de 199 pessoas. Veículos de comunicação disputaram, segundo a segundo, a dianteira na divulgação de uma informação exclusiva sobre o maior e mais trágico acidente da aviação brasileira. Como o ser humano, além de curioso em termos de informação, é um grande consumidor da desgraça alheia como forma de minimizar o próprio calvário existencial, todas as emissoras de televisão abusaram na adoção do chamado “exclusivo”.

Como nesse jogo de interesses alguém precisava ser preservado, quem se deu bem no imbróglio foi o governo federal, principal responsável pela tragédia ocorrida no aeroporto de Congonhas, em São Paulo. Até porque, emissora de televisão é concessão pública e ninguém é irresponsável a ponto de açoiar seu capataz. De maneira sórdida tentaram culpar a empresa aérea, como se seus acionistas fossem “serial killers” que se comprazem diante da perda de quase duas centenas de vidas. Até hoje não se sabe de quem é a culpa, mas o que ficou para o consumidor é que a companhia criada por Rolim Adolfo Amaro é uma roleta russa com asas.

Nos derradeiros dias de vida do governador Mário Covas, no Instituto do Coração, em São Paulo, grande parte a imprensa agiu de maneira identicamente sórdida. Um caso de interesse público por conta da expressão política de Covas foi transformado em negócio para alguns veículos de comunicação. A maioria buscava de maneira obcecada uma informação exclusiva sobre a contagem regressiva para a morte. Em dado momento tive acesso a uma informação tão exclusiva quanto

confiável. Quis dividir com os companheiros (sic) que lá estavam. Todos recusaram a oferta. Perderam o bonde da história, pois coube a mim noticiar em primeira mão, para todo o Brasil, a morte de Covas.

É nesse exato ponto que entra a questão da ética profissional, algo que alguns jornalistas encanudados mais radicais cobram dos "sem diploma" de maneira ostensiva. Ética é uma coisa só, não importando suas variantes. O sujeito é ético ou não é. De acordo com o dicionário Houaiss, ética é a "parte da filosofia responsável pela investigação dos princípios que motivam, distorcem, disciplinam ou orientam o comportamento humano, refletindo especialmente a respeito da essência das normas, valores, prescrições e exortações presentes em qualquer realidade social". Ou seja, na realidade social em que está inserida boa parte da imprensa tupiniquim os únicos valores existentes são os do lucro a qualquer custo.

No caso do governador Mário Covas, como em outras tantas, minha consciência goza de incomensurável tranquilidade. "Nesse cenário tenso, chamou minha atenção a atitude presente, interessada, ativa e respeitosa do jornalista comprometido somente com a correção da informação", escreveu o renomado urologista Sami Arap, médico que atendeu o governador durante sua luta contra o câncer, sobre minha atuação profissional naquele episódio.

Para que meu pensamento fique claro e explicitado, volto no tempo e recorro ao caso da ainda não explicada morte de Celso Daniel. Por ocasião do desaparecimento do então prefeito de Santo André, a imprensa noticiou, com o devido alarde, a reconstituição do caso. E o ponto de partida foi uma cara e badalada churrascaria localizada na Zona Sul da capital paulista, onde Celso Daniel e um assessor jantaram horas antes do crime. A Rede Globo, por exemplo, fez questão de gravar algumas das reportagens sobre o caso tendo a fachada da churrascaria como pano de fundo. E a Vênus Platinada não pensou duas vezes para colocar no ar o nome e a marca do restaurante, como se lá fosse um ponto de encontro de criminosos ou de pessoas que estão com a morte encomendada.

Por outro lado, a mesma Rede Globo suprime o nome de uma empresa ou negócio ao entrevistar um profissional que tenha alguma relação com o tema da reportagem. O gerador de caracteres ou "lettering" (aquelas letrinhas que aparecem no rodapé da TV para identificar a reportagem) exhibe apenas o nome do entrevistado e sua profissão, sendo que o negócio que serve como pano de fundo simplesmente é esquecido. Tudo porque televisão é negócio, e, diga-se de passagem, milionário. O que mostra que emissora de televisão não é casa de caridade.

É compreensível a necessidade das emissoras lucrarem, mas é preciso, ao lado do lucro, manter a coerência, sempre acompanhada da quase sempre esquecida ética. Se no relato de uma tragédia o nome de uma empresa pode ser citado, no momento de uma boa notícia também. Mas não é assim que a emissora carioca gerencia suas reportagens. Se uma empresa erra ou é palco de um erro cometido por terceiros, a mesma é encaminhada ao patíbulo privativo da televisão da família Marinho. Se a mesma empresa acerta ou atua em um segmento que é objeto de reportagem, a emissora acredita que o acerto deve ser noticiado, mas o acertador não. A não ser que ele, o acertador, pague pelos sacros quinze minutos de fama. O que é uma bobagem colossal.

No rastro dessa dualidade comportamental, a Rede Globo errou mais uma vez. Ontem, segunda-feira (10.11.2008), um jovem foi baleado dentro de uma conhecida loja de eletrodomésticos de São Paulo. O rapaz, que foi comprar um colchão, acabou morto por um segurança da loja. Mais um capítulo da trágica e dura realidade que domina as grandes cidades brasileiras. Triste, é verdade, mas não se trata de novidade.

Nesta terça, 11, os telejornais paulistas da Vênus Platinada deram destaque ao caso, citando repetidas vezes o nome da loja. Como se o estabelecimento em questão fosse um "paint ball" facinoroso, montado apenas para assassinar seus cativos clientes.

Por onde anda a ética global?

Quando o assunto é a ética, o mais aconselhável é não esperar o melhor quando globais entram no circuito. Quem não acompanha com afinco os acontecimentos da imprensa nacional desconhece a verdade de alguns fatos. Atualmente exercendo mandato de deputado federal pelo PSDB paranaense, Alcení Guerra foi acusado de maneira leviana pela Rede Globo de envolvimento em um esquema de superfaturamento em licitação, à época em que respondia pelo Ministério da Saúde durante o governo de Fernando Collor de Mello. Uma sórdida e arquitetada mentira. Só mesmo quem conhece os meandros do caso sabe a verdade.

Ministro da Justiça durante o governo do general João Batista Figueiredo, o último da ditadura militar, o mineiro Ibrahim Abi-Ackel foi acusado pela emissora do Jardim Botânico de envolvimento em contrabando de pedras preciosas. Uma deslavada mentira, criada porque Abi-Ackel, na ocasião, fez valer a legislação tributária vigente no País, o que contrariou a turma global. E acabou sendo alvejado por mentirosas pedradas televisivas.

Presidente da Legião da Boa Vontade, a LBV, José de Paiva Netto teve a honra vilipendiada, com direito a divulgação de informações mentirosas, apenas porque não se rendeu aos interesses globais. Paiva Netto foi atacado de maneira covarde, a exemplo do que ocorreu com o probo Alcení Guerra e com o então ministro Ibrahim Abi-Ackel.

Tim Lopes, o genial e inesquecível jornalista investigativo, morto fria e covardemente após ser flagrado por grupos criminosos em reportagem sobre prostituição em bailes funks na periferia carioca, não foi ao local por livre e espontânea vontade. Referência no jornalismo brasileiro, Tim mereceu lágrimas crocodílicas no encerramento dos telejornais globais da época, além da presença de poucos funcionários da emissora em alguns cultos religiosos. Fora isso, o sempre ético Tim Lopes caiu no esquecimento.

Isso tudo deixa evidente que, em determinados veículos de comunicação, a ética faz duas estratégicas paradas antes de entrar em cena. Uma no departamento comercial e outra nos medidores de audiência.

ATENÇÃO: O inteiro teor do site ([www.uchohaddad.com.br](http://www.uchohaddad.com.br)) e a obra aqui reproduzida estão sob a proteção da Lei de Direitos Autorais.

Todos os direitos reservados - Copyright © 2013 - Ucho Haddad